Luisa Strina apresenta *O que fica depois que o azul se vai*, de Juliana dos Santos

Em sua primeira individual na galeria, a artista reúne obras de 2020 a 2026 e faz das cores reveladas pela oxidação da flor clitória a paleta de sua produção recente



Juliana dos Santos
Sem título, da série Involução, 2026

aquarela e flor de clitoria ternatea sobre algodão e papel
50 x 28 x 75 cm
foto: Ding Musa

IMAGENS

Clique aqui para baixar as imagens de divulgação

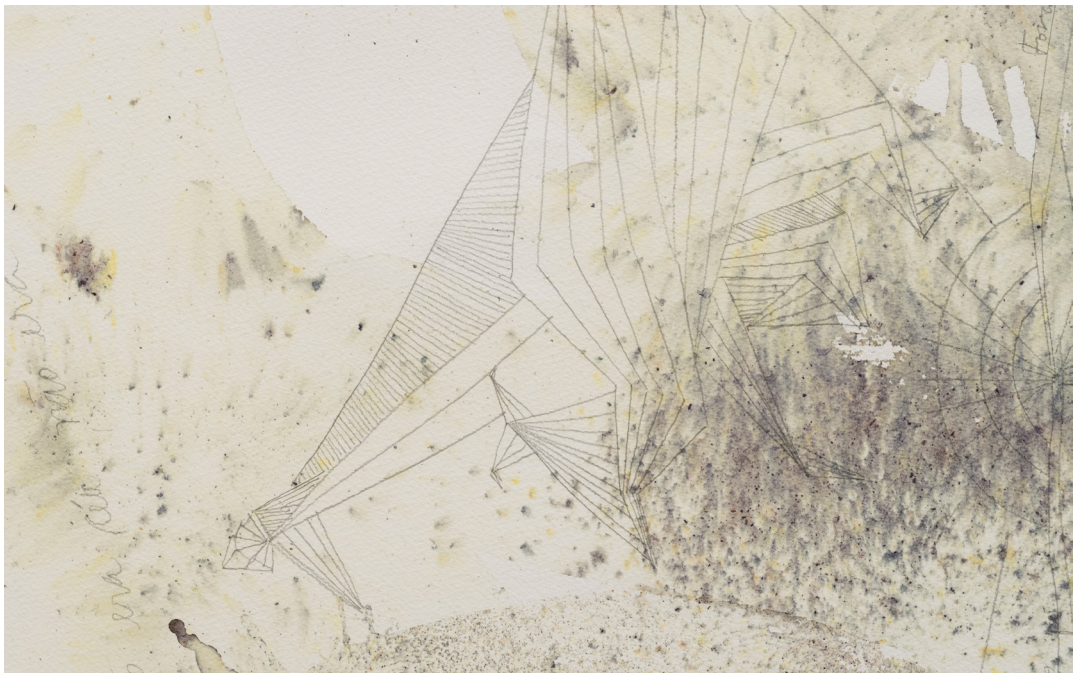
SOBRE

Na pintura de Juliana dos Santos, o azul é uma cor em processo. Extraído da flor *Clitoria ternatea*, o pigmento oxida e, com os anos, passa a amarelos, verdes, cinzas e violetas amarronzados. Essa oxidação é parte central do modo de pintar da artista e de sua colaboração com a flor, e é ela que ocupa pela primeira vez o primeiro plano em *O que fica depois que o azul se vai*, sua primeira individual na Luisa Strina desde que passou a ser representada pela galeria, em setembro de 2025. A mostra reúne esculturas e pinturas em aquarela, acrílica e óleo produzidas entre 2020 e 2026 e será inaugurada em 28 de novembro, sábado, das 12h às 16h. O texto crítico é de Zoe Diao, pesquisadora e curadora que acompanha o trabalho da artista há dois anos.

Os trabalhos recentes foram concebidos a partir da observação minuciosa do processo de oxidação da flor nas obras mais antigas da exposição. Peças de

2020 e 2021, já em estágio avançado, revelam os tons que servem de referência às novas pinturas e formam o que Juliana descreve como uma “paleta de tempo”. Em 2025, a artista apresentou outra etapa dessa mesma pesquisa na individual *Temporã*, na Pinacoteca de São Paulo, e na 36ª Bienal de São Paulo.

Entre as obras mais antigas estão trabalhos feitos durante a pandemia, nos quais desenhos e anotações foram cobertos pela cor da flor. À medida que o azul oxida, o que estava encoberto volta a aparecer. Pela primeira vez, essas obras são mostradas emolduradas. Em *The Chromatic Timekeeper*, ensaio que acompanha a mostra, Zoe Diao as lê como marcadores de tempo: “A visualidade se transforma juntamente com a materialidade, e a obra de arte se torna um cronometrista que representa a própria temporalidade”, escreve a curadora.



Juliana dos Santos
Sem título, da série O que fica depois que o azul se vai, 2021
(detalhe)

flor de clitoria ternatea e grafite sobre papel de algodão
265 x 130 x 5 cm
foto: Ding Musa

A investigação se estende às propriedades do papel e do tecido de algodão, que Juliana dobra, curva e sobrepõe até construir volumes. Planos suspensos e camadas soltas sugerem movimento e ampliam a relação entre superfície e corpo. A tinta a óleo, usada pela primeira vez, soma-se à acrílica e às aquarelas minerais e acrescenta textura e profundidade à pesquisa cromática.

A mostra inclui ainda trabalhos realizados e assinados em parceria com a mãe da artista, Eliana de Oliveira. “Minha primeira escola de composição com cor foi a minha mãe”, conta Juliana, que aprendeu a combinar tonalidades ajudando Eliana a montar colchas de *patchwork*. Para as obras da exposição, Eliana identifica passagens de cor em pinturas cuja composição não agrada à artista, recorta os trechos que lhe interessam e os reúne em novas composições. Juliana situa esse modo de trabalhar na tradição do *quilt*, prática que associa aos saberes transmitidos por mulheres negras na diáspora. Na geometria com que a mãe organiza os tecidos, criando profundidade pela disposição dos retalhos, ela reconhece a lógica dos padrões que a cor da clitória desenha ao se espalhar pelo papel. “Eu molho o papel, sopro a flor. E cada vez que eu faço, ela dá uma resposta diferente, mas ela mantém um padrão universal”, diz.

SOBRE JULIANA DOS SANTOS

Juliana dos Santos (São Paulo, 1987) é doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e leciona no curso de Artes Visuais da FAAP.

Entre suas exposições individuais estão: *Temporã*, na Pinacoteca de São Paulo (São Paulo, 2025), mostra que inaugurou o programa de residência da Chanel em parceria com a instituição; *Como terminar uma tese: o tempo da cor*, na GDA (São Paulo, 2024); *Quando a cor chega no azul*, no CCSP (São Paulo, 2021); e *Entre o azul e o que não me deixo/deixam esquecer*, na Temporada de Projetos Paço das Artes, no MIS-SP (São Paulo, 2019). Também realizou projetos colaborativos como *What is not inherited*, em parceria com Dan Lie, no Kunstverein Braunschweig (Braunschweig, Alemanha, 2023), e *Projeto Vitrine*, com Sonia Gomes, no Pivô (São Paulo, 2022), além do plantio de mudas de *Clitoria ternatea* no Jardim de Todos os Sentidos, no Inhotim, como parte do programa público da instituição.

A artista participou da 36ª Bienal de São Paulo (2025), da 3ª Frestas – Trienal de Artes (Sorocaba, 2021) e da 12ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2020). Entre as mostras coletivas, destacam-se: *Dos Brasis: arte e pensamento negro*, Sesc Belenzinho (São Paulo, 2023); *Um oceano para lavar as mãos*, Sesc Quitandinha (Petrópolis, 2023); e *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca de São Paulo (2021).
Suas obras integram os acervos da Pinacoteca do Estado de São Paulo e da Jorge M. Pérez Collection / El Espacio 23, Miami. Em 2027, a artista apresenta uma exposição individual no Forest Festival of the Arts Okayama: Clear Skies Country, no Japão.

SOBRE ZOE DIAO

Zoe Diao é pesquisadora e curadora radicada em Nova York. Seu trabalho se concentra nas humanidades ambientais, nas práticas narrativas e na cultura material. Na última década, atuou nas áreas de curadoria e pesquisa no Ullens Center for Contemporary Art, em Pequim, na Whitechapel Gallery, em Londres, e no Museu Guggenheim, em Nova York. Traduziu e editou mais de 15 publicações e publicou ensaios e artigos de pesquisa em diversos países. Nascida e criada na China, graduou-se na China Academy of Art, em Hangzhou, e concluiu dois mestrados: o primeiro na Universidade de Durham, no Reino Unido, e o segundo na Universidade Columbia, em Nova York.

SERVIÇO

Juliana dos Santos: *O que fica depois que o azul se vai*
Abertura: sábado, 28 de novembro de 2026, 12h–16h
Visitação: 28 de novembro de 2026 – 30 de janeiro de 2027
Recesso (galeria fechada): 21 de dezembro de 2026 – 4 de janeiro de 2027
Horários: Segunda a sexta, 10h–19h; Sábado, 10h–17h
Endereço: Luisa Strina | Rua Padre João Manuel, 755 | São Paulo, Brasil

Informações para imprensa
Marina Consiglio | marina@bijucomunica.co
Gabriel de Souza | gabriel@luisastrina.com.br

Em paralelo a *O que fica depois que o azul se vai* (Sala 1), a galeria apresenta *Certas coisas em certos lugares,* exposição de Pedro Zylbersztajn, na Sala 2.